

**“EU NÃO ME SINTO FORA DO EIXO, FORA DO TOM, FORA DE NADA.”:
ANALISANDO AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NO DISCURSO MIDIÁTICO**

**“I DON’T FEEL MYSELF OUT OF AXIS, OUT OF PITCH, OUT OF
NOTHING.”: ANALYSING IDENTITY CONSTRUCTIONS IN MEDIA DISCOURSE**

Maria Carmen Aires Gomes¹

RESUMO: Este artigo problematiza algumas questões acerca da compreensão das outridades nos processos de construções identitárias (BUTLER, 2010). Embora, no âmbito dos Estudos Culturais, haja a compreensão de que as identidades sociais são dinâmicas, fluidas, heterogêneas, ainda há uma manutenção da narrativa sociocultural de que as identidades são essencialistas, fundamentalistas e fixas. Observa-se ainda, nos debates e nas formas de se compreender as realidades, um silenciamento acerca das diversas formas de se viver e de se constituir como sujeito na vida social contemporânea. Há certas representações discursivas em práticas sociais específicas e em momentos específicos que podem ser identificados como mecanismos potenciais, através de significados potenciais, capazes de ativarem ou bloquearem poderes causais em relação às pessoas, às crenças, às ações e às construções de relações sociais. É possível identificar nas respostas do Laerte Coutinho as ideias desenvolvidas pelos estudos *queer*, principalmente as reflexões e debates propostos por Judith Butler, para quem a identidade é fornecida pelo gênero, que é construído culturalmente e socialmente, logo, instável e contingencial, enquanto o sexo é natural, porque se refere às diferenças biológicas entre fêmea e macho, que são inalteráveis.

Palavras-Chave: Estudos Culturais; Construções Identitárias; Estudos *Queer*.

ABSTRACT: This paper aims at approaching some questions about a comprehension of the notion of *otherness* in the process of identity construction (BUTLER, 2010). Although Cultural Studies consider social identities as a dynamic phenomena, fluid and heterogeneous, there is still a maintenance of social and cultural narrative, concerning that identities are essentialist, fundamentalist and fixed. It is realized that in debates and forms of comprehension of reality, there is a kind of silence concerning several forms of living and constitution of individuals as subjects in contemporary social life. There are some discursive representations in specific social practices and events in which they can be identified as potential devices. Such devices are concerned to people, beliefs, actions and construction of social relations. Thus, it is possible to identify in Laerte Coutinho’s

¹ Professora Associada I do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Departamento de Letras, da Universidade Federal de Viçosa (MG); Este trabalho é um recorte do projeto **Corpo na mídia impressa e televisiva: representações de vulnerabilidade social e diferença na sociedade contemporânea**, financiado pelo CNPq (PQ2); mcgomes@ufv.br.

answers some ideas developed by *queer* studies, mainly reflections and debates proposed by Judith Butler, to whom identity is provided by genre, cultural and socially constituted. It means identities are unstable and contingent, once sex is natural, because it is referred to biological differences between female and male, which are unchangeable.

Keywords: Cultural Studies, Identity Constructions; *Queer* Studies.

Contextualização

A citação que dá título a este artigo – “Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada” – é a resposta dada por Laerte Coutinho, em entrevista², a um jornalista da Folha de S.Paulo. Como se pode observar, a resposta de Laerte problematiza algumas questões acerca da compreensão das outridades nos nossos processos de construções identitárias (BUTLER, 2010). Embora, no âmbito dos Estudos Culturais, haja a compreensão de que as identidades sociais são dinâmicas, fluidas, heterogêneas, ainda há uma manutenção da narrativa sociocultural de que as identidades são essencialistas, fundamentalistas e fixas. Observa-se ainda, nos debates e nas formas de se compreender as realidades, um silenciamento acerca das diversas formas de se viver e de se constituir como sujeito na vida social contemporânea. Há certas representações discursivas em práticas sociais específicas e em momentos específicos que podem ser identificados como mecanismos potenciais, através de significados potenciais, capazes de ativarem ou bloquearem poderes causais em relação às pessoas, às crenças, às ações e às construções de relações sociais.

As práticas midiáticas têm desempenhado papel importante nesta discussão, pois fazem não só um trabalho de mediação entre a vida social e as ações dos sujeitos, mas também, de maneira dialética, intermedeiam a estrutura social e ações sociais colocando, de maneira atravessada, contestada, ou mesmo cristalizada, muitas vezes, as diversas dimensões da vida social e suas contingentes práticas sociais, em xeque. Nesta esteira, Fairclough (2001, p.93) afirma que “a constituição discursiva da sociedade não

² Link para acesso à íntegra da entrevista: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/825136-cartunista-laerte-diz-que-sempre-teve-vontade-de-se-vestir-de-mulher.shtml>

emana de um livre jogo de idéias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas”; embora possamos dizer que as estruturas não são tão estanques e fixas, mas contingenciais, contraditórias, uma vez que a vida social é um sistema aberto. A convergência de culturas, decorrente do impacto da globalização, e os novos estilos de vida, além do entendimento de que a vida social é aberta e sujeita a transformações sociais, econômicas e culturais, pode levar não só à reafirmação de identidades culturais, mas ao surgimento de novas identidades.

As questões sobre identidade e identidade de gêneros estão hoje no centro dos debates da teoria social e da prática política. As instituições (ou aparelhos ideológicos. Cf. LOUIS ALTHUSSER) que ancoravam, ou mesmo determinavam, as identidades estão em crise (GIDDENS, 1991). Novos grupos e movimentos sociais estão, por meio de políticas afirmativas, construindo novas formas de sociabilidades e problematizando as construções identitárias hegemonicamente privilegiadas, principalmente aquelas determinadas pelas práticas discursivas biológicas. Ernesto Laclau (1990) afirma que as crises de identidade estão ligadas ao que ele denomina de “deslocamento”, que nos aponta os muitos lugares e espaços a partir dos quais “novas identidades podem emergir e a partir dos quais novos sujeitos podem se expressar” (WOODWARD, 2009, p.29). O fato é que, em diferentes momentos e situações, assumimos e nos significamos de formas distintas. É difícil, portanto, separar identidades e estabelecer fronteiras entre elas, porque há uma pluralidade de identidades que produzem, a todo momento, tensões e contradições tanto no que se refere à autorrepresentação quanto à ação e interação social (CASTELLS, 2002).

A questão, segundo Castells (2002, p.23), diz respeito “a como, a partir de quê, por quem e para quê” as identidades são construídas. Para tanto, o sociólogo propõe três formas e origens de construção de identidades: (i) identidade legitimadora, (ii) identidade de resistência e (iii) identidade de projeto. Para Giddens (1990) o que define um ser humano é saber tanto o que se está fazendo como por que se está fazendo algo, no contexto da ordem pós-tradicional, o próprio ser torna-se um projeto reflexivo. Isso porque a identidade é algo tão complexo que não podemos pensá-la somente como algo que “é ou não é”, mas sim como algo contingencial relativo ao “estar ou não estar”. Para

Bauman (2011), o problema da identidade no contexto de pós-modernidade vincula-se ao debate de como se evitar a fixidez de forma a manter as opções abertas. A ansiedade está em problematizar o essencialismo e os discursos permanentes e naturais.

A partir de tais considerações, analiso neste trabalho uma entrevista do Caderno Ilustrada da Folha de S.Paulo³ com o caricaturista e Crossdresser Laerte Coutinho, cujo tema é a “tentativa” de discussão sobre travestilidade e a nova proposta de transgenereidade defendida pelo artista. Faço uma reflexão, à luz não só dos estudos discursivos críticos (CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003), mas também dos estudos sobre identidades de gênero (BUTLER, 2010; RIBEIRO, 2010; SALYH, 2012) e sexualidade (FOUCAULT, 1985), acerca dos sentidos potencialmente ideológicos sobre identidades de gênero, construídos na entrevista jornalística. A análise mostra que o texto jornalístico problematiza o tema de maneira superficial, irônica, reducionista e breve, por meio de discursos evidentes, estereotipados e essencialistas acerca das questões sobre gênero, sexualidade e travestilidade.

Na primeira seção, apresento alguns princípios dos estudos discursivos críticos da vertente britânica a que me vinculo e que fundamenta o presente trabalho, na segunda seção, mostro a análise do texto jornalístico já sinalizando para as discussões e resultados, para enfim apontar algumas considerações acerca do problema estudado.

Análise de Discurso Crítica: análise textualmente orientada de Norman Fairclough

Os estudos discursivos críticos, na vertente britânica, tal como desenvolvida por Norman Fairclough, concebem o discurso como uma forma de **prática social**, ou seja, as pessoas fazem escolhas “sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença” (FAIRCLOUGH, 2001, p.104). Isto porque “As pessoas não são inteiramente

³ <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/825136-cartunista-laerte-diz-que-sempre-teve-vontade-de-se-vestir-de-mulher.shtml>.

livres quando comunicam, elas são constrangidas pelo conjunto e pela estrutura de seus repertórios, e a distribuição de elementos de repertórios é desigual” (BLOMMAERT, 2005, p.15). O discurso, neste sentido, realiza-se em momentos fluidos, que transitam ou se internalizam em outros momentos de forma contínua, sujeitos, portanto, a mudanças (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; BAUMAN, 2011). Isso quer dizer que não existe um discurso, mas instantes dialéticos indeterminados no tempo e espaço, que se articulam e se movimentam, em meio a oscilações entre continuidades e rupturas. Nas práticas sociais, enquanto o discurso se apresenta como um elemento da vida social que se interconecta a outros elementos, a linguagem é compreendida como um elemento da vida social que define certos elementos, certas possibilidades e exclui outras (FAIRCLOUGH, 2003, p.24).

Os estudos discursivos críticos preocupam-se então em contemplar, por meio da crítica explanatória, níveis mais profundos da realidade, e não apenas aspectos semióticos. Enfoca a semiose como prática social, ou seja, seu interesse não se volta exclusivamente para ações individuais ou para estrutura social, mas, sim, para o fluxo de práticas sociais, que representam o ponto de conexão entre estrutura e agência, implicando interdependência causal entre as duas entidades. Ao enfatizar que as nossas práticas sociais são resultados de causas e efeitos que podem não ser tão mecânicos, mas sim transparentes, Fairclough (2001, p.34) chama atenção para as questões de poder e dominação, tendo o conceito gramsciano de hegemonia como ponto central para se debater sobre as fronteiras, contestações, segregações e transformações das ordens dos discursos; entendendo que tais convenções discursivas subjacentes a eventos discursivos são “parte de conflitos e lutas sociais mais amplas.” A relação entre práticas sociais e ordens do discurso e o foco na estruturação social das práticas implica que os recursos e constrangimentos das estruturas sociais também incidem sobre a estruturação do potencial semiótico, e essa estruturação tem efeitos.

As práticas discursivas, neste sentido, podem ajudar a produzir ou a reproduzir relações desiguais de poder, cabendo assim aos estudiosos críticos do discurso analisar os aspectos opacos e torná-los mais visíveis. Cabe também ao trabalho do analista de discurso crítico “determinar que posição pode e deve ser ocupada por qualquer indivíduo para que ele seja o sujeito dela” (FAIRCLOUGH, 2001, p.68). Sobre a

agenda política e o trabalho crítico, Fairclough (1985, p.47) diz que “em questões humanas, as interconexões e as redes de causa e efeito podem ser distorcidas a ponto de saírem do campo de visão. Assim, a atividade crítica consiste, essencialmente, em tornar visível a natureza interligada das coisas”.

Em termos metodológicos, podemos dizer que a abordagem teórica que fundamenta este trabalho segue um modelo transdisciplinar integracionista uma vez que dialoga com outras disciplinas, que agem de forma interdependente envolvendo princípios integrativos específicos de trabalho para problematizar as questões sociodiscursivas. O que proponho aqui é a integração dos estudos sobre identidades de gênero, corpo e sexualidade tal como desenvolvido no âmbito das Ciências Sociais e da Filosofia com os estudos discursivos críticos. Esta investigação apresenta contribuição da análise discursiva textualmente orientada (CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003) para compreendermos como a mídia problematiza as questões que envolvem o corpo diferente/excluído/marginalizado (aquele que não atende aos padrões hegemônicos e essencialistas). O foco aqui é problematizar os discursos formadores, hegemônicos, que constroem (e docilizam) o sujeito corpóreo (FOUCAULT, 1985; 1994; BUTLER, 2010).

A análise partiu da percepção de um **problema**, relacionado ao discurso, em alguma parte da vida social (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 60): as questões de travestilidade, identidades de gênero, corpo e práticas midiáticas; em seguida, foram verificados **os obstáculos para que o problema seja superado** – ou seja, quais foram os discursos “permanentes, cristalizados” nas redes de práticas que sustentam o problema observado. Para tanto, foi realizada uma análise da conjuntura, análise da prática particular (prática midiática) e, finalmente, análise de discurso orientada tanto para as reflexões acerca das questões estruturais quanto da interação. O objetivo aqui foi explorar as possibilidades de mudança e superação dos problemas identificados, por meio de reflexões críticas.

Para análise dos dados, usei a análise de discurso textualmente orientada que parte de uma análise fundamentada em dados linguísticos que sustentem a crítica explanatória. O estudo se baseia na identificação de um problema social parcialmente discursivo que será analisado por meio da análise de textos situados no campo da mídia

porque se entende que textos têm efeitos causais, ou seja, acarretam mudanças em nossos conhecimentos, crenças, atitudes e valores, além de reconstituírem identidades e relações sociais. Alguns aspectos discursivos, em práticas sociais contextualizadas, podem implicar a legitimação de ações particulares e determinar modos de conduta e atitudes. Isso ocorre porque textualmente podemos construir/representar/imaginar o mundo social em perspectivas específicas, particulares (FAIRCLOUGH, 2003, p.8); trata-se, segundo Fairclough, de um processo de “meaning-making” que interferirá nos efeitos sociais dos textos.

Fairclough (2003) propõe que as redes de práticas sociais, no seu aspecto linguístico, sejam chamadas de ordens do discurso, que se realizam por meio de *discursos, gêneros e estilos*. São estes elementos que selecionam certas possibilidades linguísticas e excluem outras. Neste sentido, o discurso se figura de três maneiras: como formas de agir, de representar e de ser, ou seja, as pessoas fazem coisas em processos de significação nos eventos sociais. Estes aspectos do significado levam as pessoas a agirem e interagirem com os outros (significado acional), representarem, pessoas, eventos, coisas (significado representacional) e identificarem, julgarem, apreciarem (significado identificacional). Os significados acional, representacional e identificacional são assim compreendidos como os principais tipos de sentidos dos textos.

Procurando compreender como a linguagem se significa no curso dos eventos sociais, ou seja, como as pessoas fazem coisas nos processos de *meaning-making* nos mais variados eventos sociais, Fairclough (2003, p.28) busca analisar os textos como parte de eventos sociais específicos, olhando para os significados acima descritos percebendo de que forma realizam os vários traços linguísticos, fazendo a conexão entre o evento social concreto e as práticas de agir, representar e ser.

“Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada.”: problematizando as identidades de gênero.

A resposta de Laerte de que não se sente desencaixado, ou deslocado de algum parâmetro ou paradigma imposto por algo nos mostra o tom de manifesto e ativismo político reverberado pelo artista. Essa fala do Laerte, que se coloca na posição de um sujeito experienciador (não me sinto), nos aponta que as identidades não são fixas, mas sim construídas sócio-historicamente e culturalmente. Ao se colocar nesta posição, o artista reflete (ou nos faz refletir) sobre a abertura da vida social, do conflito, da contestação e de uma possível crise. Ao afirmar que não está em lugar especificamente, o caricaturista assume também uma posição histórica e específica: identidades em trânsito, cambiantes, fluidas e até mesmo híbridas.

Laerte problematiza então a “suposta certeza” do nosso lugar de pertencimento; que pode, portanto, ser compreendida como um projeto, isto é, como algo a ser desenvolvido, construído. Stuart Hall compreende a identidade, neste contexto, como um “tornar-se”, os sujeitos são capazes de se posicionarem e de transformarem as identidades históricas que foram determinadas a eles. Podemos dizer que Laerte é partidário do slogan “o pessoal é político”; assim estar em trânsito é uma importante forma de mobilização política, pois coloca em cena a singularidade desta situação na esfera pública. O caricaturista reivindica o direito de construir e assumir a responsabilidade de suas próprias identidades.

Da Silva (2009, p.88) nos chama atenção para o fato de que “cruzar fronteiras pode significar mover-se livremente entre os territórios de diferentes identidades; não respeitar os sinais que demarcam os limites entre os territórios.” Ao fazer isso, Laerte desestabiliza e subverte a fixidez e reforça o estar na fronteira, o ambíguo, a indefinição, o que é uma estratégia política que incomoda a hegemonia, pois denuncia a evidente artificialidade das estruturas narrativas e discursivas hegemônicas de poder.

Na entrevista, esse incômodo fica muito explícito na construção da pergunta produzida pelo jornalista, como se percebe nos fragmentos abaixo:

- (1) *Folha - Diversas possibilidades para a mudança do seu estilo de vida passam pela cabeça. A primeira delas é que você pirou, um processo que teria começado em 2005, com a morte de seu filho num acidente de carro, passou pelas tiras da Ilustrada, cada vez mais estranhas, e agora isso. Você está louco, Laerte?*
- (2) *Folha - Uma segunda possibilidade é que você se veste porque isso dá tesão.*

- (3) *Folha* - Mas você é bissexual, certo?
Sou.
(4) *Folha* - E não há ligação entre isso e o "cross-dressing"?
Não.
(5) *Folha* - Você está fazendo isso para espantar o tédio?

As perguntas feitas pelo jornalista procuram fazer o convidado falar sobre algum acontecimento ou fato que merece ser noticiado para o leitor, uma vez que se trata de um artista/caricaturista que resolveu se travestir para problematizar questões importantes sobre preconceito, diversidade, reconhecimento de outridades. Mereceu se tornar notícia porque está em evidência, tem notoriedade na sociedade. No entanto, as perguntas mostram-se provocadoras, impertinentes e até irônicas e insolentes.

O jornalista constrói uma narrativa simplista para o projeto do artista, apela para um discurso reducionista que reforça a ideia de que a escolha pela travestilidade está vinculada ao sexo, erotismo, prazer pelo prazer, à diversão; não reconhece, portanto, o crossdresser como um tipo de identidade de gênero. Ao fazer isso não reconhece a prática política nem a diversidade e a solidariedade, ou seja, o reconhecimento do outro, do diferente. Reforça não só o discurso da universalidade da opressão e da exclusão, mas também a prática discursiva do essencialismo identitário tanto biológico, quanto histórico e cultural. O problema é que, ao valorizar o “normal” como verdadeiro, desvaloriza e exclui o outro, deixando subentendido, pelo tom irônico, que Laerte é desviante, anormal, o de fora.

Tal tipo de discurso (heterocentrado) acentua as relações verticais de poder entre os gêneros e acrescenta uma série de valores negativos à militância do Laerte em favor das identidades de gênero, ridicularizando-o, porque uma pergunta bem elaborada pode ser mais potente que uma série de certezas, uma vez que uma abordagem dissimuladora aciona uma série de representações preconceituosas e reducionistas. Dessa forma, ao ironizar e chacotear, na pergunta, que o travestimento está sendo usado para espantar o tédio, ou mesmo porque dá tesão, ou insinuar a vinculação entre crossdresser e bissexualismo, o jornalista cria na esfera pública uma representação simplista, reducionista e dissimulada das identidades de gênero. Esse procedimento de simplificação vulgariza o tema, e nos faz questionar: por que o jornalista está dizendo menos do que deveria estar sendo dito?

O texto jornalístico, ao que nos parece, de maneira bastante natural e apelativa reproduz o discurso de que a sexualidade está vinculada à perversão, ao delito, ao prazer pelo prazer (RIBEIRO, 2010). São sentidos potencialmente ideológicos que reverberam práticas discursivas legais, morais, religiosas que inventaram e construíram um saber clínico sobre transexualidade.

Mesmo talvez percebendo tal provocação, o crossdress Laerte, em suas respostas assume a identidade de militância política, questionando relações de poder e desigualdades relativas às questões de gênero, como se observa nos excertos abaixo:

- (6) ***Uma segunda possibilidade é que você se veste porque isso dá tesão.***
Não, não é um fetiche sexual. Não é, nem é um tema que me interessa agora. O travestimento é uma questão de gênero, não de sexo. São coisas independentes, autônomas, que nem o executivo e o legislativo. É um erro fazer essa mistura. "Ah, está vestido de mulher, então é viado." "Jogou bola, é macho." E eu que gostava de costurar e de jogar bola? O que tenho feito é investigar essa parte de gênero. O que tenho descoberto é que isso é muito arraigado, essa cultura binária, essa divisão do mundo entre mulheres e homens é um dogma muito forte. Não se rompe isso facilmente. desafiar esses códigos perturba todo o ambiente ao redor de você.
- (7) ***Você está fazendo isso para espantar o tédio?***
Não faço isso porque a vida está sem graça. O problema é a vida submetida a essa ditadura dos gêneros, a esses tabus que não podem ser quebrados. É você sentir que sua liberdade está sendo tolhida, que as possibilidades infinitas que você tem de expressão na vida, ao sair, ao se vestir, ao se manifestar, ao tratar as pessoas, seu modo, seu gestual, sua fala, tudo isso é cerceado e limitado por códigos muito fortes e muito restritos. Isso é uma coisa que me incomoda.

É possível identificar nas respostas do Laerte as ideias desenvolvidas pelos estudos *queer*, principalmente as reflexões e debates propostos por Judith Butler, para quem a identidade é fornecida pelo gênero, que é construído culturalmente e socialmente, logo, instável e contingencial, enquanto o sexo é natural, porque se refere às diferenças biológicas entre fêmea e macho, que são inalteráveis. Fato é que as diferenças de gênero são sociais e políticas. No excerto (7), Laerte afirma de forma categórica, rejeitando a provocação do jornalista, de que o travestilidade não é um fetiche sexual e se recusa a pensar nisso desta forma. Laerte tenta explicar ainda de maneira divulgativa e bastante explicativa para o jornalista e possíveis leitores o que é o travestimento e usa para isso processo relacional identificacional (*O travestimento é*

uma questão de gênero, não de sexo.) e procedimentos metafóricos (São coisas independentes, autônomas, que nem o executivo e o legislativo. É um erro fazer essa mistura.).

Nesta esteira, Ribeiro (2010, p.30) afirma que “o sexo não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa. Isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar os corpos que ela controla.” A forma como Laerte lexicaliza e representa a militância política proposta por ele constrói discursos particulares e forma mais alternativa e crítica de se compreender as sociabilidades: “*é que isso é muito arraigado, essa cultura binária, essa divisão do mundo entre mulheres e homens é um dogma muito forte.*” Observe que há um alto grau de comprometimento de Laerte em relação ao posicionamento dele acerca da forma como a nossa sociedade ainda enxerga/compreende as relações entre sexo e gênero (é **muito** arraigado; é um dogma **muito** forte).

No excerto (8), em resposta a outra pergunta do jornalista, tão irônica e mostrando-se autoignorante, como as outras, pois parece não reconhecer as discussões arroladas na esfera pública acerca da relação entre sexo, gênero e poder, Laerte se posiciona favoravelmente às agendas políticas das teorias *queer*, atuando em favor de projetos críticos, dando voz à luta “contra a opressão social causada pelas categorias fixas de masculinidade e feminilidade, contra a imposição obrigatória da vinculação entre sexo e gênero.”, também discutida por Ribeiro em sua pesquisa sobre homossexuais e práticas midiáticas (2010, p.36). Para os teóricos *queer*, a sociedade está governada pela heteronormatividade. Segundo Ribeiro (2010, p.39): “As posições binárias a que as pessoas estão aprisionadas deixam claro que entre uma e outra existe uma gama de comportamentos variantes que não se enquadram nos padrões hegemônicos de definição.” A percepção de Laerte se alinha a tais discursos ao assumir que as práticas discursivas essencialistas e binárias o incomodam, por isso se define como um ativista, um militante e claro um investigador/pesquisador desta identidade que está sendo construída e constituída por ele. Nos termos de Castells, podemos assumir que o caricaturista está constituindo uma identidade de projeto, uma vez que está redefinindo sua posição na sociedade, de forma a buscar a transformação social, por

meio de discussões sociais e culturais. Consiste assim de um projeto de vida diferente com base numa identidade oprimida, em uma política de identidade situada historicamente.

Finalizando a entrevista, o jornalista ainda insatisfeito com a construção de identidade de projeto de Laerte ainda o provoca, submetendo o caricaturista à apreciação e julgamento não só dele, mas também de possíveis leitores, como se observa nos excertos abaixo:

(8) **Mas você pode ir de homem?**

Estou abolindo esses negócios.

(9) **Você pode ir sem maquiagem?**

Eu estou sem maquiagem. Ops, ah, não, estou com olho pintado! Mas posso, sim, ir sem maquiagem.

(10) **Como foi o Natal em família? Com vestido? Não, não. Só unha mesmo.**

Não estava nem de bolsa. Acho que foi mais mãos mesmo. Rolou um certo estranhamento com o cabelo. Esse corte feminino, feito pela [minha namorada] Tuca.

Ao questioná-lo sobre a forma como se encontraria com uma pessoa que ainda não soubesse do travestimento do artista, o jornalista insiste em não só não reconhecer o projeto desenvolvido por Laerte, mas também em não aceitar que um corpo masculino possa alocar gestos, comportamentos e trejeitos femininos, mesmo que não seja caracteristicamente do sexo feminino. O jornalista parece não entender que há ali uma ficção socialmente construída, um produto da linguagem, do discurso da militância, da identidade de projeto que busca colocar em evidência as outridades silenciadas pelos discursos regulatórios e hegemônicos. Laerte, por meio de processos relacionais (estou sem maquiagem; estou com olho pintado; posso sim ir sem maquiagem; não estava nem de bolsa) e de materiais (estou abolindo) deixa muito claro em suas respostas que ele pode estar (tornar-se) quem ele quiser, no momento e na situação em que achar mais conveniente. Pode ter características que construam a identidade de feminilidade (bolsa, unhas pintadas, maquiagem, corte de cabelo feminino), mesmo no corpo aparentemente masculino. Ao inquiri-lo que ele podia ir de “homem, ou sem maquiagem, ou com vestido”, o jornalista tenta demarcar mais uma vez as fronteiras sexuais de forma binária e dicotômica, construindo de alguma forma presunções valorativas de que o normal, natural e coerente é que um corpo masculino tenha atitudes e comportamentos apenas

masculinos, e que um corpo feminino tenha atributos apenas femininos, rejeitando os deslocamentos, hibridismos, os corpos fronteiros, reforçando os corpos invisíveis, aqueles que atendem aos padrões da heteronormatividade.

Algumas notas finais...

O fato é que Laerte retrabalha o corpo e recria as suas narrativas e experiências pessoais e sociais na roupa, na linguagem corporal, nos gestos e nos discursos. As pessoas não são o tempo todo homens, mulheres, heterossexuais e gays, como tentam imprimir as ideologias políticas dominantes e hegemônicas, mas sim uma coisa ou outra, dependendo do contexto em que estão inseridos. Na resposta dada ao jornalista sobre o lema do Crossdresser Club - “existimos pelo prazer de ser mulher” - Laerte deixa muito claro, por meio de afirmações e modalidades (**não** vou ser mulher **nunca**) que **está** em uma outridade de gênero, ou seja, é uma construção circunstancialmente social, política e cultural: “*Eu não vou ser mulher nunca. Mas acho que é possível sair na rua e ser aceita como uma pessoa que se veste daquela maneira, que se enfeita e se produz e se apresenta daquela maneira.*”

O problema é que o assunto abordado merecia um pensamento mais profundo e isso não foi feito, ao contrário, o jornalista tratou o tema de maneira superficial, irônica, reducionista e breve, talvez porque seja uma entrevista no ambiente digital em que se preza pela brevidade e objetividade. Mas pode ser também que tenha empregado discursos evidentes e estereotipados no formato de perguntas para gerar a polêmica, colocando o Laerte como algo estranho a ser avaliado e apreciado pelo leitor.

Referências

BAUMAN, Z. *Vida em fragmentos*. Sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BLOMMAERT, J. *Discourse. A critical introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

GOMES, Maria Carmen Aires. “Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada”: analisando as construções indidentitárias no discurso midiático. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 174-188, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTELLS, M. O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura. V.02. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.

FOUCAULT, M. (1975) *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1985.

FOUCAULT, M. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2010.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T.T. (org.). *Identidade e Diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, pp.103-133, 2009.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LACLAU, E. *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1990.

RESENDE, V. de M. *Análise de discurso crítica e realismo crítico*. Implicações interdisciplinares. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Irineu Ramos. *A TV no armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros*. São Paulo: GLS, 2010.

SALIH, S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

WODAK, R.; MEYER, M. “Critical discourse analysis. History, agenda, theory and methodology”. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.) *Methods of critical discourse analysis*. 2a. ed. Londres: Sage, 2009, p. 1-33

GOMES, Maria Carmen Aires. “Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada”: analisando as construções indidentárias no discurso midiático. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 174-188, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

Recebido em outubro de 2013.

Aceito em novembro de 2013.